

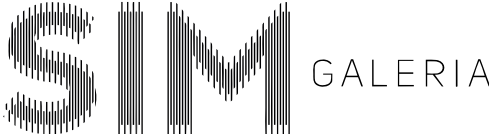
De
Ne
No,

André Komatsu
Cadu
José Damasceno
Juan Parada
Marcius Galan
Nicolás Robbio

curadoria curatorship
Felipe Scovino

12 agosto a 23 setembro 2017
abertura: sábado, 12 de agosto às 11h

august 12 to september 23 2017
opening: saturday, august 12, 11 am

The logo for SIM GALERIA features the letters 'SIM' in a large, bold, sans-serif font. Each letter is filled with a dense pattern of vertical lines of varying heights, creating a textured, barcode-like effect. To the right of 'SIM', the word 'GALERIA' is written in a smaller, clean, uppercase sans-serif font.

Al Presidente Taunay, 130 A
Curitiba | Paraná | Brasil | 80420 180
Tel: 55 41 3322 1818
info@simgaleria.com
simgaleria.com



Desenho,

A primeira particularidade dessa exposição é o seu título. A vírgula depois da palavra “desenho” indica, entre outras possibilidades, falha, descontinuidade ou a própria impossibilidade de se designar o que é essa prática artística diante de uma infinidade de possibilidades. Na contemporaneidade, o desenho se articula como um traço no papel, mas, acima de tudo, como uma gama de desvios e circunstâncias que o aproxima da tridimensionalidade e mesmo, eventualmente, do cinema. Essa exposição conta com obras de seis artistas (André Komatsu, Cadu, José Damasceno, Juan Parada, Marcius Galan e Nicolás Robbio) que pensam o desenho como um agenciamento poético que se relaciona de forma cada vez mais potente e crítica com as idiosincrasias de um mundo não só em constante mudança mas fundamentalmente com a visão de um mundo em colapso. Percebam que essas obras constroem uma atmosfera na qual a precariedade e o acidente estão acentuados e são partes constituintes de suas poéticas.

A exposição investiga o desenho, portanto, não como projeto, estudo ou algo “menor”, mas como um passo importante para entendermos o caminho desses artistas e, ao mesmo tempo, refletir sobre um campo ampliado dessa prática artística. Nas obras desses artistas, ele adquire muitas vezes uma circunstância tridimensional; passa a ter volume e textura e, em alguns casos, se mistura com a paisagem do cotidiano, como é o caso de *Geometria accidental* (2008), de Robbio. Essa obra é um vídeo no qual o artista destaca, por meio de inserções gráficas, formações geométricas que acontecem ao acaso mediante o caminhar de transeuntes por uma praça. Vetores detectam o vai-e-vem dessas pessoas, gerando relações geométricas específicas (trapézios, etc.) que aparecem e desaparecem na tela, obedecendo à mesma velocidade.

O diálogo entre essas obras cria uma conjunção estética pelo fato de aproximar temas como invenção de território, memória, geografia e política. São obras que têm a economia de métodos e de elementos como prática constante. Esses desenhos também percorrem um território que se coloca como presente e inconclusivo, transparente e ambíguo, enfim, um mundo de referências imbricadas que a descrição conceitual jamais esgotará. A mostra também discute o desenho pela sua “negatividade”, isto é, por uma estrutura que pode ser revelada como algo indeterminado ou uma aparição ambígua no espaço, já que, em muitos casos, o que se torna visível para os olhos são rastros ou mecanismos que evidenciam uma perda. É o caso da paisagem recortada, fora de ordem, difusa em sua própria estrutura, explícita na série *Cada um, cada qual* (2017), de Komatsu. Ou ainda na funcionalidade perdida

e descreditada das *Pinturas burocráticas* (2013), de Marcius Galan. O desenho passa a ser uma presença permeada de furos ou fraturas, pois ele mais esconde do que revela.

Contudo, é essa força “negativa”, oblíqua, estranha, desviante que interessa à curadoria. Expor uma função reversa do desenho: não mais a revelação de uma estratégia, plano ou ideia, mas a imposição de sua própria estrutura, como algo desafiador e problematizador. Eis a fina ironia da *Escultura borracha*, de Damasceno: a borracha perde sua função operacional de apagar o que se traçou, pois é mármore e impõe ao desenho a sua própria duração e a impossibilidade de se voltar atrás.

O desenho também é uma miragem, e podemos perceber essa acepção no conjunto horizontalizado de lápis, constituindo uma massa homogênea (*Horizonte duplo*, 2015, de Marcius Galan) que, a distância, estimula nossa imaginação a pensar numa janela ou brise-soleil. Entramos no terreno do acidente e do desenho como ocupação virtual de espaço, campo de experimentação e ampliação da obra bidimensional.

Interessa à exposição aproximar o desenho de circunstâncias ou dados imateriais, como é o caso da série *Windline* (2014).

Em parceria com o artista e designer Marcos Kotlhar, Cadu concebeu uma estrutura que sistematiza leituras do comportamento do vento em forma de desenhos. No aparato, dados colhidos por um anemômetro são interpretados por um software de leitura, que utilizando a velocidade como vetor de deslocamento e a direção dos pontos cardiais como coordenadas, produz comandos que movem uma caneta presa a um suporte numa área de desenho (...). O que se vê é o registro da volatilidade do comportamento do vento em uma mesma região.¹

O desenho consegue condensar e vibrar, ao mesmo tempo, a densidade, o peso e o volume do vento. Por acaso, ciência e arte se fundem em meio a um regime de sensibilidade muito especial promovido por essa série de trabalhos. O desenho na obra de todos esses artistas funde-se entre ser projeto, ideia e realização no espaço. De forma geral, não há como distinguir pintura, escultura e instalação do desenho.

Felipe Scovino

Nota

¹ CADU. *Galeria Vermelho*. São Paulo: Galeria Vermelho, 2017. Disponível em: <<http://www.galeriavermelho.com.br/pt/artista/56/cadu>>. Acesso em: 30 jun. 2017.



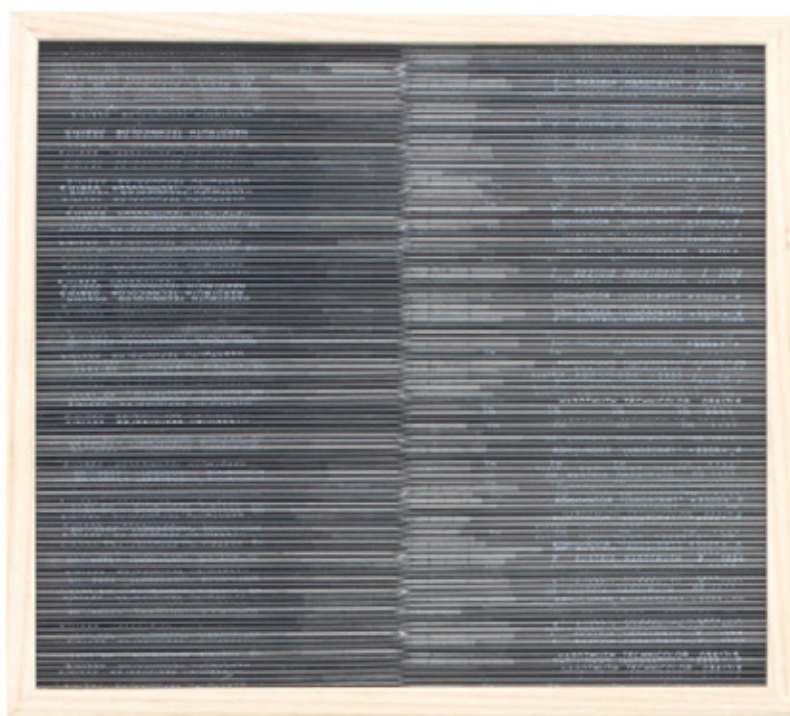
Juan Parada
Desenho Sensorial E1, 2017
cerâmica vitrificada sobre alumínio
glazed ceramic on aluminum
117 x 48 x 22 cm





Marcius Galan
Conjunto de pinturas burocráticas n.3, 2013
acrílica sobre papel
acrylic on paper
83 x 43 cm





Marcius Galan
Horizonte Duplo, 2015
grafite e moldura de madeira
graphite and wooden frame
23,5 x 26,5 x 2,5 cm



Nicolás Robbio
São Paulo 6 am, 2012
2 desenhos em papel recortado sobre retroprojeter
2 drawings on cut paper on overhead projector
dimensões variáveis variable dimensions



José Damasceno
Eraser Sculpture, 2012
mármore, mdf e fórmica
marble, fiberboard and formica
14 x 24 x 41 cm

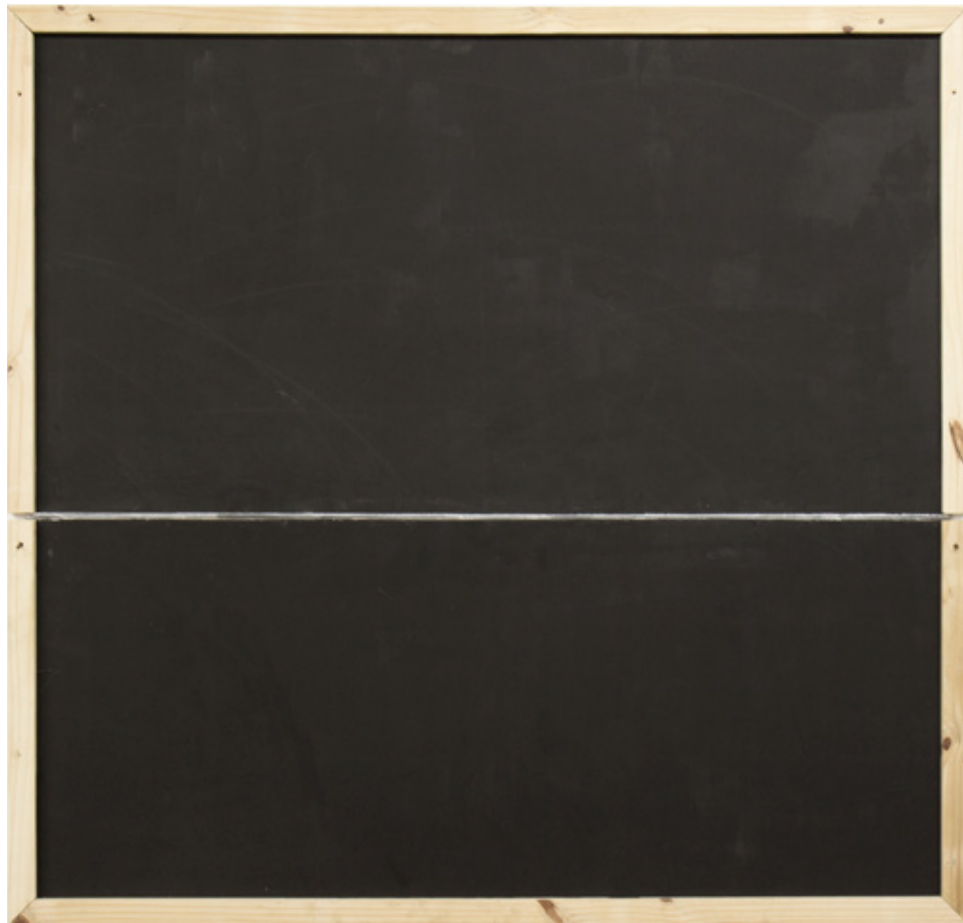


Marcius Galan
Desenho (mão suja), 2015
madeira e grafite
wood and graphite
17,5 x 12 x 3 cm





André Komatsu
Cada um, cada qual 4, 2017
madeira, esmalte sintético fosco, e giz sobre compensado laminado
wood, synthetic matte polish, and chalk on laminated plywood
135 x 135 cm

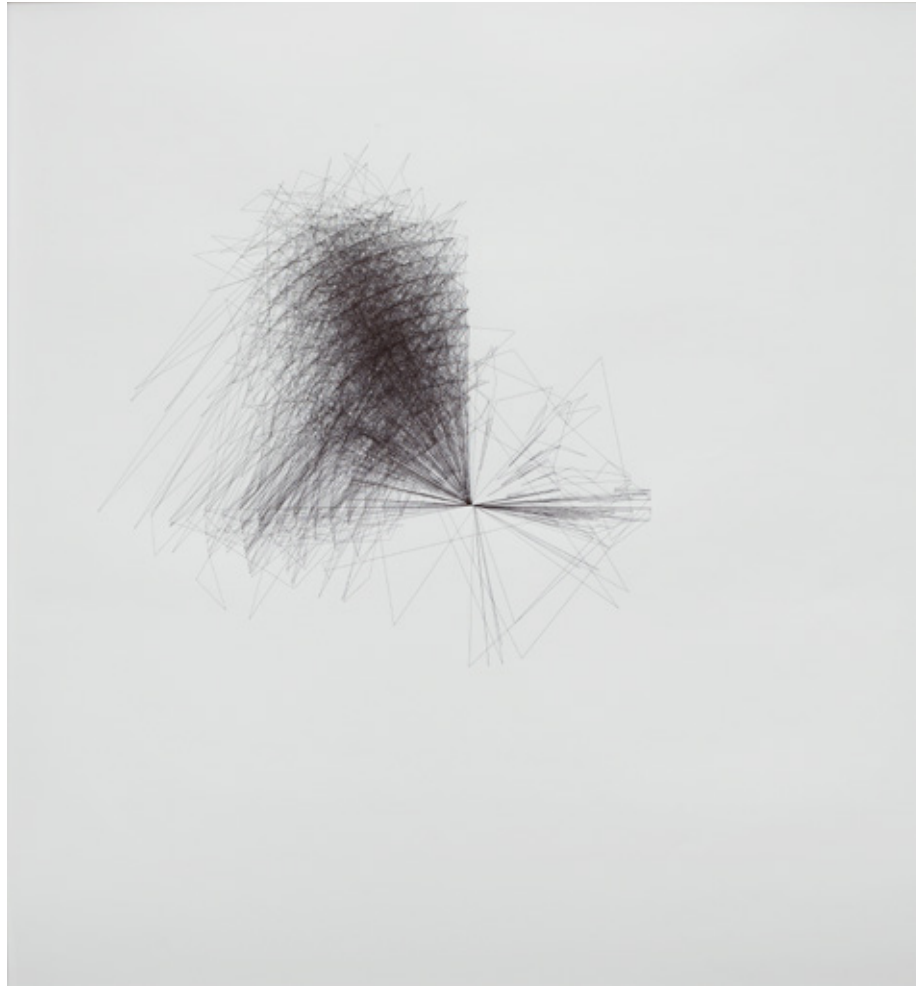


André Komatsu
Cada um, cada qual 3, 2017
madeira, esmalte sintético fosco, e giz sobre compensado laminado
wood, synthetic matte polish, and chalk on laminated plywood
158,5 x 166 cm



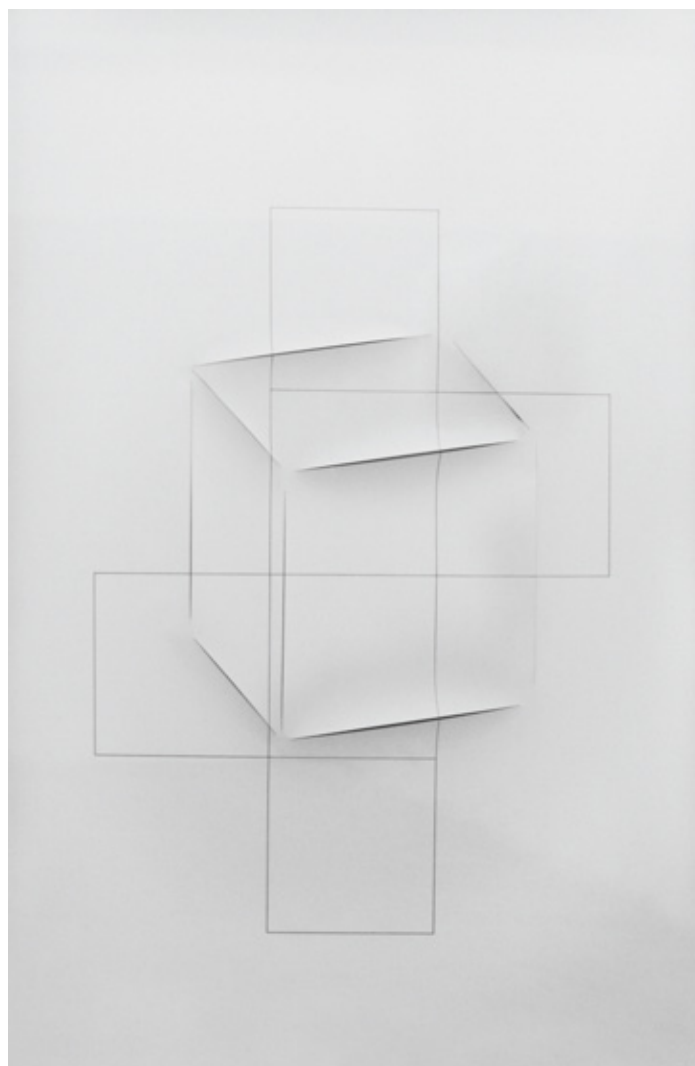


Cadu
Wind Line (Atacama, 11.08.14), 2014
caneta esferográfica sobre papel fabriano 300 gr
ballpoint pen on Fabriano paper 300 g
105 x 110 cm



Cadu
Wind Line (Atacama, 09.08.14), 2014
caneta esferográfica sobre papel fabriano 300 gr
ballpoint pen on Fabriano paper 300 g
105 x 110 cm





Nicolás Robbio
Cubo — da série Sólidos Platônicos, 2016
grafite e corte sobre papel
graphite and cutting on paper
192 x 132 cm





Juan Parada
Desenho Sensorial E2, 2017
cerâmica vitrificada sobre alumínio
glazed ceramic on aluminum
158 x 61 x 27 cm



Drawing,

The first particularity of this exhibition is its title. The comma after the word “drawing” indicates, among other possibilities, failure, discontinuity or the very impossibility of designating what this artistic practice before an infinitude of possibilities. In contemporary times, drawing is articulated as a trace on paper, but, above all, as a range of deviations and circumstances that brings it closer to tridimensionality and even cinema. This exhibition has works by six artists (André Komatsu, Cadu, José Damasceno, Juan Parada, Marcius Galan and Nicolás Robbio) who think of drawing as a poetic agency that relates in an increasingly powerful and critical way with the idiosyncrasies of an constantly changing world and fundamentally with the vision of collapse for the world. Observe that these works build an atmosphere in which the precariousness and the accident are pointed out, and they constitute parts of their poetics.

The exhibition investigates the drawing, therefore, not as a project, study or something “minor”, but as an important step to understand the path of these artists and, at the same time, to think of an extended field of this artistic practice. In these artists’ works, it often acquires a three-dimensional circumstance, since it becomes volume and texture and, in some cases, blends in with the everyday landscape, as in the case of Robbio’s *Geometria accidental* [*Accidental Geometry*] (2008). This work is a video in which the artist emphasizes, through graphical insertions, geometric formations that happen by chance through the passers walk on a square. Vectors detect the back-and-forth of these people, generating specific geometric relations (trapezoids etc.) that appear and disappear on the canvas, according to the same speed.

The dialogue among these works creates an aesthetic conjunction by bringing themes such as the territory invention, memory, geography and politics. They are works that have the economy of methods and elements as a constant practice. These drawings also cross a territory that is present and inconclusive, transparent and ambiguous, thus, a world of overlapping references that will never end by conceptual description. The exhibition also discusses drawing by its “negativity”, that is, by a structure that can be revealed as something indeterminate or an ambiguous apparition in space, since in many cases what becomes visible to the eyes are traces or mechanisms that present a loss. This is the case of the cut-out, out of order and diffuse landscape in its own structure, explicit in Komatsu’s series *Cada um, cada qual* [*Each one, every one*] (2017). Or in the lost and discredited functionality of Marcius Galan’s *Pinturas burocráticas* [*Bureaucratic Paintings*] (2013).

Drawing becomes a presence permeated by holes or fractures, because it hides more than reveals.

However, what matters to the curator is this “negative”, oblique, strange, deviant force. Exposing a reverse function of drawing: no longer the revelation of a strategy, plan or idea, but the imposition of its own structure, as something challenging and problematizing. Here is the fine irony of Damasceno’s *Escultura borracha* [*Rubber Sculpture*]: the rubber loses its operational function of erasing what has been drawn, for it is marble and imposes on the drawing its own duration and the impossibility of turning back.

Drawing is also a mirage, and we can perceive this meaning in the horizontalized set of pencils, composing a homogeneous mass (Marcius Galan’s *Horizonte duplo* [*Double Horizon*], 2015) that from distance stimulates our imagination to think of a window or brise soleil. We enter the field of accident and drawing as a virtual occupation of space, field of experimentation and expansion of two-dimensional work.

Getting the drawing closer to circumstances or immaterial data also matters the exhibition, such as the *Windline* series (2014).

In partnership with artist and designer Marcos Kotlhar, Cadu designed a structure that systematizes views on wind behavior in the form of drawings. In the apparatus, data taken by an anemometer are interpreted by a reading software, which by the speed as displacement vector and the direction of the cardinal points as coordinates produces commands that move a pen attached to a holder in a drawing area [...]. What is seen is the record of the volatility of wind behavior in the same region.¹

Drawing can condense and vibrate at the same time the density, weight and volume of wind. By chance, science and art merge amidst a very special sensitivity regime promoted by this series of works. Drawing in the work of all these artists merges in something among project, idea and realization in space. In general, there is no way to distinguish painting, sculpture and installation from drawing.

Felipe Scovino

Nota

¹ CADU. *Galeria Vermelha*. São Paulo: Galeria Vermelha, 2017. Retrieved from: <<http://www.galeriavermelha.com.br/pt/artista/56/cadu>> on June 30 2017.

SIM GALERIA

info@simgaleria.com
simgaleria.com